

APONTAMENTOS RELATIVOS À ÉTICA E AO CORPO: COMPREENSÕES TEXTUAIS APLICADAS À EDUCAÇÃO FÍSICA

Leonardo Rocha da Gama

Departamento de Educação Física, Pau dos Ferros, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,

gama.leonardo@yahoo.com.br

Resumo: Esse ensaio tem caráter filosófico em que pesa a compreensão de Ética enquanto um campo de conhecimento específico da Filosofia relativos ao conjunto de comportamento humano em que se inserem os diversos temas sobre o corpo. São as questões de estudo desse trabalho: 1. Como é sistematizado o conhecimento tradicional sobre Ética? 2. Como a Ética pode ser articulada as questões da Educação Física? A partir dessas questões expomos os objetivos desse estudo: 1. Expressar em síntese, como o conhecimento que cerca a Ética tradicional é organizado; pensar no corpo como uma unidade natural/cultural que em movimento produz saberes que são objetos da Educação Física. Destacamos dois eixos de discussão, tratados assim: *Compreensões da ética pelas lentes da razão humana*; e, *Compreensões da ética pelas lentes da biológica do conhecimento*. Em *Compreensões da ética pelas lentes da razão humana*, recorremos a tese do *Bom Sumo*, na expressão de síntese das três grandes vertentes da Ética em relação à razão humana, a saber: teísmo, deísmo e ateísmo. E para discutir o eixo, cujo tema é *Compreensões da ética pelas lentes da biológica do conhecimento*, trazemos a biologia do conhecimento como referencial teórico, relativo às discussões que inserem o corpo e a Educação Física nesse contexto. Essa compreensão é a nossa aposta para pensar os fundamentos que une os temas relativos ao corpo e sua aplicação na Educação Física.

Palavras-chave: ética, formação humana, corpo, educação física.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da tradição acadêmica, compreendemos a importância de alguns pensadores para a constituição da Ética enquanto campo de conhecimento da Filosofia. Em *Textos básicos de ética*, Marcondes (2007) reporta-se as obras *A República* e *Górgias* de Platão, assim como, a Aristóteles em *Ética a Nicômaco*. Sobre as contribuições clericais que cercam a Ética, Marcondes (2007), destaca Santo Agostinho e São Tomás de Aquino em *livre-arbítrio, confissões* e a *suma teológica*. O autor traz outros nomes até chegar a *Moral e prática de si* de Foucault, são eles: Spinoza, Hume e Kant. Esse legado constitui uma fração do que se tem produzido sobre Ética ao longo da História da humanidade e mostra que ao falar de Ética não podemos tomar apenas uma ou duas referências.

Quando falamos do corpo, a razão humana nos aponta algumas possibilidades para pensar o sujeito no mundo, contudo, outras possibilidades se apresentam, entre elas, destacamos nesse ensaio a abordagem da biologia do conhecimento de Maturana e Varela (2002). Sem desconsiderar o que está posto na Ética tradicional, os autores compreendem que a essência dos diferentes modos de ver

e de se mover no mundo, numa perspectiva moral, consiste na afirmação de condutas que ocorre no convívio social (MATURANA, 1995, 1997, 1998, 2001), (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004), (MATURANA; REZEPKA, 2000). Nesse contexto, a aposta inicial desse trabalho, compreende a Ética como um campo de conhecimentos relativos ao conjunto de comportamento humano em que se inserem os diversos temas sobre o corpo. A partir desse contexto, lançamos as seguintes questões de estudo:

1. Como é sistematizado o conhecimento tradicional sobre Ética?
2. Como a Ética pode ser articulada as questões da Educação Física?

Configuram-se assim os nossos objetivos nesse ensaio filosófico: 1. Expressar em síntese, como o conhecimento que cerca a Ética tradicional é organizado; pensar no corpo como uma unidade natural/cultural que em movimento produz saberes que são objetos da Educação Física. Destacamos que esse ensaio tem caráter filosófico-reflexivo.

Na sequência, apresentaremos resumidamente alguns paradigmas que cerca parte do legado que trata sobre Ética. Para tanto, destacamos dois eixos de discussão, tratados assim: *Compreensões da ética pelas lentes da razão humana*; e *Compreensões da ética pelas lentes da biológica do conhecimento*. Em *Compreensões da ética pelas lentes da razão humana*, recorreremos a Marchionni¹ (2008), na expressão de síntese das três grandes vertentes da Ética em relação à razão humana, a saber: Deus e religião (teísmo), Deus sem religião (deísmo) e nem Deus nem religião (ateísmo). E para discutir o eixo, cujo tema é *Compreensões da ética pelas lentes da biológica do conhecimento*, trazemos a biologia do conhecimento como referencial teórico relativo as discussões que inserem o corpo e a Educação Física nesse contexto.

2 COMPREENSÕES DA ÉTICA PELAS LENTES DA RAZÃO HUMANA

Em *Ética, a arte do bom* (MARCHIONNI, 2008), é possível perceber a ética a partir de três grandes vertentes relacionadas à razão humana, a saber: Deus e religião (teísmo), Deus sem religião (deísmo) e nem Deus nem religião (ateísmo). Na perspectiva teísta, a razão Criadora é mãe da razão humana a partir dos códigos revelados do judaísmo, cristianismo e islamismo. No deísmo, a razão humana é parte da razão cósmica, muito comum nas filosofias cósmico-espiritualistas do Oriente e

¹ Antônio Marchionni nasceu na Itália em 1944 e vive no Brasil desde 1974. Completou os estudos de Filosofia e Teologia na Universidade Urbaniana de Roma e de Letras clássicas na Universidade do Sagrado Coração de Milão. É mestre em Teologia pela PUC-SP e doutor em Filosofia pela Unicamp. Foi missionário e agente social na Amazônia. Professor de Teologia e de Ética nos Negócios na PUC-SP e professor de Filosofia Medieval e Teoria do Conhecimento na Unifai de São Paulo.

no Platonismo. Diferente da perspectiva ateísta edificada principalmente no Racionalismo iluminista-materialista.

Marchionni (2008) defende a ética como o *Bom Sumo*, ou seja, o bom supremo. Destacando outros paradigmas, o autor traz o *Bom Sumo* ora relacionado ao Criador, ora a Natureza habitada pelo Espírito, ora a Liberdade do homem. A essência dos diferentes modos de ver e de se mover no mundo, consiste na afirmação de condutas morais. Na sequência, apresentaremos brevemente o que diz cada um desses paradigmas.

O Bom Sumo é o Criador parte da ética numa perspectiva religiosa, organizada a partir de um Livro Revelado, por exemplo: Torá para os judeus, Bíblia para os cristãos e Alcorão para os islâmicos, ou seja, os livros sagrados das diferentes culturas religiosas. Seus adeptos creem que o universo teve um Criador (MARCHIONNI, 2008).

O Bom Sumo é a Natureza habitada pelo Espírito é conhecida na meditação, no ensinamento do guru (o iluminado). Seus adeptos creem no Grande Todo e buscam a sintonia espiritual com a “Alma do Mundo”, designada nirvana; cultivam a ideia comum de que a matéria é habitada pelo espírito eterno. Constitui manifestações dessa forma do *Bom Sumo* no oriente: o Hinduísmo, o Budismo, o Taoísmo, o Xintoísmo, o Confucionismo, o Jainismo e o Sikhismo. Já no ocidente, encontra eco no Platonismo, Estoicismo e em Espinoza e Hegel (MARCHIONNI, 2008).

Em *O Bom Sumo é a Liberdade do Homem* tem na Ética Materialista seu principal paradigma. Seus adeptos creem que só existe a matéria, suas regras de condutas não são pautadas em livros sagrados, mas no fluir da razão humana, a partir do exercício das ciências. Compreendem as principais doutrinas desse paradigma o positivismo, o Epicurismo, o Marxismo, o Niilismo nietzschiano, o Freudismo, o Existencialismo e o Utilitarismo (MARCHIONNI, 2008).

O que podemos tomar essencialmente na produção de Marchionni (2008) é que o bom está posto como objeto da Ética. Destacamos que essa compreensão do bom como objeto da ética se dá na perspectiva da razão. Compreendemos assim, que, toda forma de expressão ética está diluída de alguma maneira no cotidiano da vida social na qual estamos inseridos. É na existência que fazemos juízo das coisas e das ações humanas, definindo o que é bom ou não.

3. COMPREENSÕES DA ÉTICA PELAS LENTES DA BIOLÓGICA DO CONHECIMENTO

Em “A Árvore do Conhecimento, as bases biológicas da compreensão humana”, Varela e Maturana (2002), apresentam a seguinte tese: a vida é um processo de conhecimento. Buscando compreender essa ideia, os autores desenvolvem a biologia da cognição, demonstrando como os seres vivos conhecem o mundo e como juntos compartilhamos o viver. Portanto, o mundo em que vivemos é o mundo a qual fazemos parte; um influencia a existência do outro e nele aprendemos, existimos e nos relacionamos. É nesse caminho que compreenderemos não só a perspectiva ética, mas o sentido que nos tornam humanos.

O humano surge na história evolutiva a que pertencemos ao surgir a linguagem, mas se constitui de fato como tal na conservação de um modo de viver particular centrado no compartilhamento de alimentos, na colaboração de machos e fêmeas, na criação da prole, no encontro sensual individualizado recorrente, no conversar. Por isso todo o fazer humano se dá na linguagem, e o que na vida dos seres humanos não se dá na linguagem não é afazer humano; ao mesmo tempo, como todo afazer humano se dá a partir de uma emoção, nada do que seja humano ocorre fora do entrelaçamento do linguajar com o emocionar e, portanto, o humano se vive sempre num conversar (MATURANA, 1997)

Quando tratamos dos domínios de existência e as dimensões do espaço relacional, é importante compreender como o humano surge. Assim, a partir do entrelaçamento do linguajar² com o emocionar³ que nós, seres humanos, começamos a desenvolver a nossa humanidade. A linguagem, as emoções e os afazeres pertencem ao *domínio da conduta* que, junto com a *dinâmica fisiológica*, constituem os *domínios* da nossa *existência* e, conseqüentemente, as *dimensões do espaço relacional* (MATURANA, 1997, 2001).

No momento em que se pode demonstrar que a linguagem, como fenômeno, existe nas coordenações de ação, tudo o que ocorre no que poderíamos chamar de fisiologia fica implícito e fíco oculto. Nós, seres humanos, existimos em dois domínios. Existimos como seres humanos no domínio da linguagem: é na linguagem, nas coordenações de ações que acontece isso da conversação do discurso, da reflexão, da poesia. Mas é na fisiologia que acontece a base absolutamente invisível, a partir da qual surge na linguagem, nas coordenações de ação (MATURANA, 2001, p.99).

O que nos constitui humanos, não é só um legado de afazeres/técnicas aprendidos ao longo da vida, mas a forma pela qual captamos essas técnicas em nossa estrutura e como a nossa estrutura

² Para Maturana (1997, p.168), o linguajar constitui um neologismo que faz referência ao ato de estar na linguagem sem associar tal ato à fala, como aconteceria com a palavra falar.

³ “As emoções são disposições corporais dinâmicas que especificam os domínios de ações nos quais os animais, em geral, e nós seres humanos, em particular, operamos num instante” (MATURANA, 2001, p.129).

responde e produz novas técnicas. As interações, a linguagem e a emoção são essenciais para o que nos constitui humanos, assim como é essencial o aparato que nos constituem *sistemas*, seres vivos.

A linguagem como um fenômeno biológico se explica pelo determinismo estrutural, ou seja, na história de interações dos seres vivos [epigênese], na qual é possível constatar a recursividade. Os sistemas determinados estruturalmente são sistemas nos quais as interações desencadeiam mudanças que estão determinadas neles mesmos (MATURANA, 2001, p.74. Grifo nosso).

Interagir é operar na linguagem (MATURANA, 1995, 1997, 1998, 2001), (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004), (MATURANA; REZEPKA, 2000). A partir do momento em que interagimos, operamos na linguagem, assim como, ao operarmos na linguagem, estamos interagindo. A linguagem corresponde às coordenações de ação como resultado de interações recorrentes. (MATURANA, 2001). As coordenações de coordenações são recursões, ou seja, o produto de uma interação é objeto de aplicação para novas interações e assim sucessivamente. Nessa perspectiva, os autores da Ética cognitiva expõe o seguinte axioma:

Todo ato humano ocorre na linguagem. Toda ação na linguagem produz o mundo que se cria com os outros, no ato de convivência que dá origem ao humano. Por isso, toda ação humana tem sentido ético. Essa ligação do humano ao humano é, em última instância, o fundamento de toda ética como reflexão sobre a legitimidade da presença do outro (MATURANA; VARELA, 2002, p.269)

Assim, partiremos da compreensão de que não existe ato humano fora da linguagem; que todo ato humano se dá com o outro, na relação; que toda ação humana é linguagem, assim como toda linguagem é ação humana; que são a partir das interações que produzimos coletivamente; que esse mundo é um acerto de condutas coletivas entre nós humanos ao longo da nossa ontogenia e epigenia (MATURANA; VARELA, 1997, 2002), (MATURANA, 1995, 1997, 1998, 2001), (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004), (MATURANA; REZEPKA, 2000).

“Para afirmar uma recursão é preciso fazer uma referência histórica” (MATURANA, 2001, p.73). Portanto, as interações, ou as coordenações consensuais de conduta, pertencem ao campo da história da espécie (epigênese). “A história de interações de um ser vivo no meio ambiente, tem duração equivalente a existência de interações e enquanto se conservem duas condições: a organização do ser vivo e a correspondência com o meio” (MATURANA, 2001, p.76).

Maturana (2001), faz uma distinção entre organização e estrutura. O mesmo considera o termo *organização* exclusivamente para fazer referência às relações entre componentes que definem a identidade de classe de um sistema, enquanto que estrutura designa os componentes mais as

relações entre eles. Tanto os componentes quanto a estrutura precisam satisfazer as relações de organização. Embora a organização não faça referência aos componentes, a estrutura faz.

Quando abordamos os assuntos que tratam da organização do ser vivo e a correspondência com o meio, logo pensamos em autopoiese e deriva natural. “Deriva faz referência a um curso que se produz, momento a momento, nas interações do sistema e suas circunstâncias” (MATURANA, 2001, p.81). Para Maturana (1997, 2001) e Maturana e Varela (1997, 2002), o que define *autopoiese* é a organização própria da vida. Caso a organização de um determinado ser vivo seja violada, esse sistema perde sua identidade de classe e passa a ser outra coisa.

A história de um sistema é uma deriva estrutural (MATURANA; VARELA, 1997, 2002; MATURANA, 1995, 1997, 1998, 2001). A vida de cada um de nós é uma deriva de mudanças estrutural contingente com as nossas interações. Para Maturana (1995, 1997, 1998, 2001), não é o meio que nos conduz, mas a nossa congruência com o mesmo. “Organismo e meio vão mudando juntos, uma vez que se desliza na vida em congruência com o meio” (MATURANA, 2001, p.80). Está em congruência com o meio é está em concordância com a vida; e está em concordância com a vida é está em coerência com a organização do sistema a qual pertencemos. Sendo a estrutura variável, sua variação pode ou não conduzir a conservação da identidade de classe, numa perspectiva biológica (MATURANA, 1995, 1997, 1998, 2001). Essa variação da estrutura corresponde à ruptura da autopoiese.

“A história de um ser vivo é uma história de interações que desencadeiam nele mudanças estruturais: se não há encontro, não há interação, e se há encontro, sempre há um desencadear, uma mudança estrutural no sistema” (MATURANA, 2001, p.75). Ensina-nos Maturana (1995, 1997, 1998, 2001) que não somos nós que definimos o meio, tampouco não é o meio que nos define, mas a coerência que existe entre nós. Essa tese é explicada pelo conceito de deriva natural.

A partir de Maturana (1998) compreendemos que as relações sociais são todas as interações que se baseiam na aceitação do outro como legítimo outro na convivência. Portanto, é na relação social que as interações acontecem e são nas interações que, a relação social se efetiva. Para esse autor, é pela forma de nos movermos que nos reconhecemos ou nos estranhamos, principalmente se estivermos imersos na mesma história de interações. Assim, quando o *curso corporal* de todos nós se parece, acidental/casualmente com a história de interações de nosso agrupamento, nos identificamos, nos reconhecemos, nos aceitamos e convivemos, o que implica compreender a afirmação do autor que diz: “Interação implica num encontro estrutural entre os que interagem”

(MATURANA, 1998, p.59). O encontro estrutural é o *curso corporal* que nos identifica, nos reconhece e nos faz afins.

As interações, a princípio, só são possíveis no conversar, manifestação da ação do linguajar, concomitante ao fenômeno da linguagem (MATURANA, 1998, 2004). Para Maturana (2004), o linguajar constitui uma sequência de ações comunicativas entre aqueles que interagem, já a linguagem “se constitui quando se incorpora ao viver, como modo de viver, este fluir em coordenações de conduta de coordenações de conduta que surgem na convivência como resultado dela – quer dizer, quando as coordenações de conduta são consensuais” (Maturana, 1998, p.59), em outras palavras, quando o *curso corporal* de dois ou mais sujeitos implica num ato comunicativo, de resposta mútua de atitudes corporais de forma sucessiva e rotineira.

Para Maturana e Varela (1997, 2001) e para Maturana (1997, 2004) cada indivíduo traz consigo rastros da epigênese particular da espécie. A epigênese particular está associada ao fluir das coordenações de ações e emoções vividas por cada indivíduo na história de interações, sendo mais relevante às interações familiares, principalmente aquelas vividas com a figura materna, que pode ser qualquer sujeito que assuma na prole o papel correspondente à função materna (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004).

Para Maturana (1998, p.76) a “linguagem sempre nos prende no fazer”. A linguagem se manifesta de diferentes formas, é ela, também, componente desse *curso corporal* que nos aproxima ou distancia, quando aceitamos ou negamos o outro na convivência. O fazer segundo Maturana (1997, 2004) é o fluir em coordenações de conduta de coordenações de conduta consensuais que surgem na convivência como resultado dela.

O que está envolvido no aprender é a transformação de nossa corporalidade, que segue um curso ou outro dependendo de nosso modo de viver. Falamos de aprendizagem como da captação de um mundo independente num operar abstrato que quase não atinge nossa corporalidade, mas sabemos que não é assim. Sabemos que o aprender tem a ver com as mudanças estruturais que ocorrem em nós de maneira contingente com a história de nossas interações (MATURANA, 1998, p.60).

Essa perspectiva de compreender a escola como ambiente de interações, nos faz pensar na escola como um campo da interação potencializado, no qual coexistimos e aprendemos. Entre outras disciplinas, compreendemos que a Educação Física tem um desafio na consolidação dessa perspectiva do corpo pelo viés da biologia cognitiva em que compreendemos que toda ligação entre humanos é um fundamento da ética em qualquer discurso, em qualquer tempo, legitimando a presença e a importância do outro na condução de si e da vida em grupo. Os valores estabelecidos

para a condução da vida na coletividade se referem a um acerto complexo entre os atores sociais implicados nesse desafio. Pois compreendemos que é no convívio que a conduta ética se revela.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somos homo sapiens, enquanto discurso biológico, e somos humanos, enquanto discurso antropológico. Somos inicialmente discursos de nós mesmos. Estes discursos servem em parte para nos distinguir das demais estruturas vivas, para negar nossa condição animal, mas o curioso é que, quanto mais tentamos, mais ficamos implicados na nossa condição primeira dentro do contexto em que existimos, pois não são apenas nestes discursos que existimos e coexistimos, mas no espaço, no tempo, na vida. Pelo exposto, nossa reflexão sobre ética, aponta uma perspectiva de relação entre o que é natural e cultural, do que é do campo do conhecimento biológico e do que é próprio do conhecimento antropológico. Essa reflexão que nos leva a entender a Ética pelo viés da biologia cognitiva nos mostra possibilidades em que encontramos espaço para a amalgamação das compreensões que cercam as interações, a linguagem, as condutas e os afazeres humanos. Essa compreensão é a nossa aposta para pensar os fundamentos que une os temas relativos ao corpo e sua aplicação na Educação Física. Em síntese, expomos que Ético é um campo de conhecimento filosófico que, tem no corpo pulsando e no comportamento que esse pulsar produz o juízo do humano em si mesmo.

5. REFERÊNCIAS

MARCHIONNI, Antonio. **Ética: a arte do bom**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2008.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de ético**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

MATURANA, Humberto. **Da biologia à psicologia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MATURANA, Humberto. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MATURANA, Humberto. Conversações matrísticas e patriarcais. In: MATURANA, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado a democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2004.



MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. **Formação humana e capacitação**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco J. **De máquinas e seres vivos: Autopoiese : a organização do vivo**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATURANA, Humberto; e VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2002.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado a democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

VARELA, Francisco J. **Sobre a competência ética**. Trad. de Artur Mourão, Lisboa: Edições 70, 1995.

VERDEN-ZÖLLER, Gerda. O brincar na relação materno-infantil. In: MATAURANA, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado a democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2004.